

Teoria e Método em Geografia I
Segundo semestre de 2012
5ª aula

**A crise da geografia positivista
(epistemológica e política)**



Conteúdo

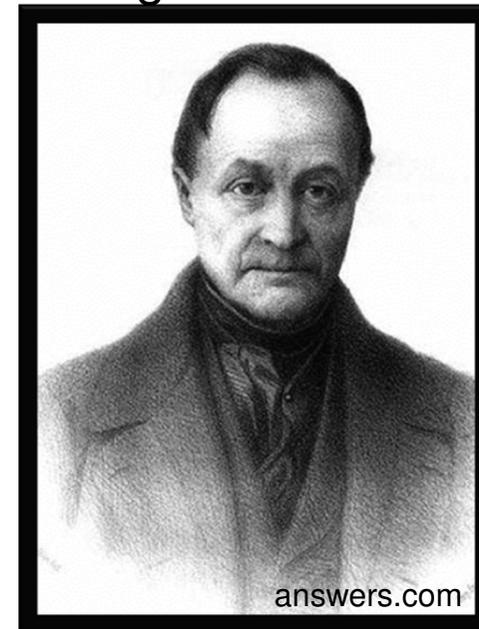
- I. Breve recapitulação sobre as abordagens positivistas
- II. O papel do positivismo no Brasil
- III. A crise da geografia positivista
 - i. O que significa “crise”?
 - ii. Os motivos da crise
 - iii. Yves Lacoste como um autor-chave
 - iv. “A escola brasileira”
- IV. A crise da geografia em outros contextos acadêmicos

I. Breve recapitulação sobre as abordagens positivistas na geografia

Breve recapitulação sobre as abordagens positivistas

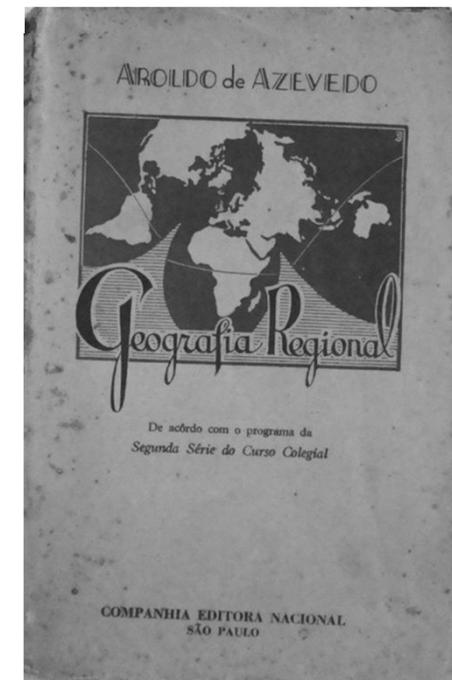
- O positivismo – Corrente filosófica segundo a qual o conhecimento científico deve se ver restrito à interpretação de resultados “positivos”
- Nome-chave: o filósofo francês Auguste Comte (1798-1857)
- Possui distintos conceitos, englobando perspectivas filosóficas e científicas diferentes do século XIX e do século XX

Auguste Comte



Breve recapitulação sobre as abordagens positivistas

- O positivismo: método hegemônico na geografia da primeira metade do século XX
- Vidal de la Blache e a geografia possibilista
- A região como síntese da geografia física e da geografia humana (Hettner, Hartshorne)
- A monografia regional como modelo de análise geográfica
- A evolução da geografia regional francesa (Vidal de la Blache, Demangeon, Sorre, Le Lannou, George)
- No Brasil: Aroldo de Azevedo



Breve recapitulação sobre as abordagens positivistas

- As abordagens positivistas na geografia como a base da “geografia tradicional”
- A geografia até meados do século XX:
 - Uma ciência elaborada, um corpo de conhecimentos sistematizado, com relativa unidade interna
 - Elaborou um rico acervo empírico, fruto de um trabalho exaustivo de levantamento de realidades locais
- Desempenhou um papel central na formação do Brasil

II. O Positivismo no Brasil em fins dos Oitocentos

O Positivismo no Brasil em fins dos Oitocentos

- 1878 – criação da Sociedade Positivista do RJ, grupo composto de médicos, engenheiros, matemáticos e professores
- A filosofia positiva como alternativa para o futuro do país
- As idéias de Augusto Comte vão ser filtradas e introduzidas no Brasil por grupos de políticos e intelectuais do século XIX e início do século XX. O cientificismo da época entra na sociedade brasileira por meio de personagens, componentes de uma espécie de classe média, composta por bacharéis das Faculdades de Direito, Faculdades de Medicina, escritores, filósofos e militares, que vão dar um tom abasileirado para a filosofia positiva.

O Positivismo no Brasil em fins dos Oitocentos

- Positivismo no Brasil, marcado pelo ecletismo do período. Dividiam-se em positivistas: ortodoxos, revolucionários, evolucionistas e ilustrados.
- Relação entre o positivismo e a implantação da República em 1889 foi convergente, pois o ideário de A. Comte defendia este regime de governo com o único caminho para o progresso.
- Os positivistas defendiam: abolição da escravidão, republicanismo, separação entre a Igreja e o Estado, casamento civil, reforma do ensino militar e a secularização dos cemitérios. Eram contrários às guerras e revoluções

O Positivismo no Brasil em fins dos Oitocentos

- Tais temas foram absorvidos e implementados no alvorecer do novo regime em 1889. Outros temas foram rejeitados: defesa de proteção das sociedades indígenas, incorporação do ex-monarca D. Pedro II na República, defesa de proteção dos pobres pelas classes mais favorecidas.
- Foram importantes para a construção de novos símbolos cívicos: construção de monumentos para os heróis da pátria, exaltação da figura feminina, mito de Tiradentes e a bandeira republicana, por exemplo.

O Positivismo no Brasil em fins dos Oitocentos

- No imaginário popular o positivismo adentrou, Noel Rosa e Orestes Barbosa compuseram o samba Positivismo, que dizia:

“O amor vem por princípio,
E a ordem por base.
O progresso é que deve vir por fim.
Contrariando esta lei de Augusto Comte,
Tu foste ser feliz longe de mim.”



III. A crise da geografia positivista

O que significa “crise”?

- “Crise”: um termo usado em contextos e sentidos muito diferentes e em tal extensão, que cada problema e cada contradição pode ser declarada, teoricamente, como uma crise
- “Crise” como um objeto de pesquisa, principalmente da teoria crítica; métodos centrais: desconstrução e auto-reflexão
- “Crise” no pensamento acadêmico: o conhecimento e as explicações “tradicionais” parecem ser incapazes de dar conta das questões e dos problemas que constituem o contexto histórico desse pensamento
- “Crise” a partir de uma retrospectiva é frequentemente considerada como positiva: ela cria espaço para mudança

Os motivos da crise

Rompimento com a geografia tradicional. Na década de 1970 está superada. Uma nova realidade.

Contexto:

- Estágio monopolista do modo de produção capitalista (trustes, monopólio, grande capital)
- Propunha-se intervenção do Estado na ordenação e regulação econômica.
- Complexização da realidade: urbanização, industrialização, globalização
- A geografia tradicional não dava mais conta da descrição e da representação dos fenômenos da superfície terrestre. Um novo papel para a geografia: planejamento territorial, organização do espaço

Os motivos da crise

- Necessidade de novas técnicas de pesquisas para análise geográfica: computador, sensoriamento remoto, satélites
- Pensamento positivista demonstrava-se pueril e simplista face a essa nova realidade complexa que se apresentava. O desenvolvimento das ciências e do pensamento filosófico ultrapassavam os postulados positivistas. *

* Ver, cap. 9 “O movimento de renovação da Geografia” (Geografia: Pequena História crítica, Antonio Carlos Robert Moraes)

Os motivos da crise

- Não podemos perder de vista que a produção de conhecimento não se dá fora de um contexto histórico-social, onde uma série de linhas de forças se entrecrocavam na realidade. Neste caso, a crise ocorreu dentro de um cenário singular.
- Cenário: distensão política do regime militar brasileiro inicia-se com Geisel (1974-1979), cenário de Guerra Fria, dificuldades econômicas (inflação, aumento da dívida, fim do “milagre econômico”), revogação do AI 5 em 1978, crises do petróleo de 1973 e 1979...

Os motivos da crise

- É em meio a esse cenário, que acontece uma renovação da Geografia brasileira, concomitantemente à ascensão dos movimentos sociais operários e a reconstrução do movimento estudantil.
- 1978 – Encontro Nacional dos Geógrafos Brasileiros (AGB) em Fortaleza, no Ceará, um marco para a geografia brasileira. Marca o início do processo de renovação. Representou uma mudança na perspectiva de Geografia, incorporando-se abordagem crítica.

Os motivos da crise



Encontro Nacional de Geógrafos Brasileiros (1978), patrocinado pela AGB e pelo DNOCS. Imagem cedida pela professora Cristina Mary Pessanha.

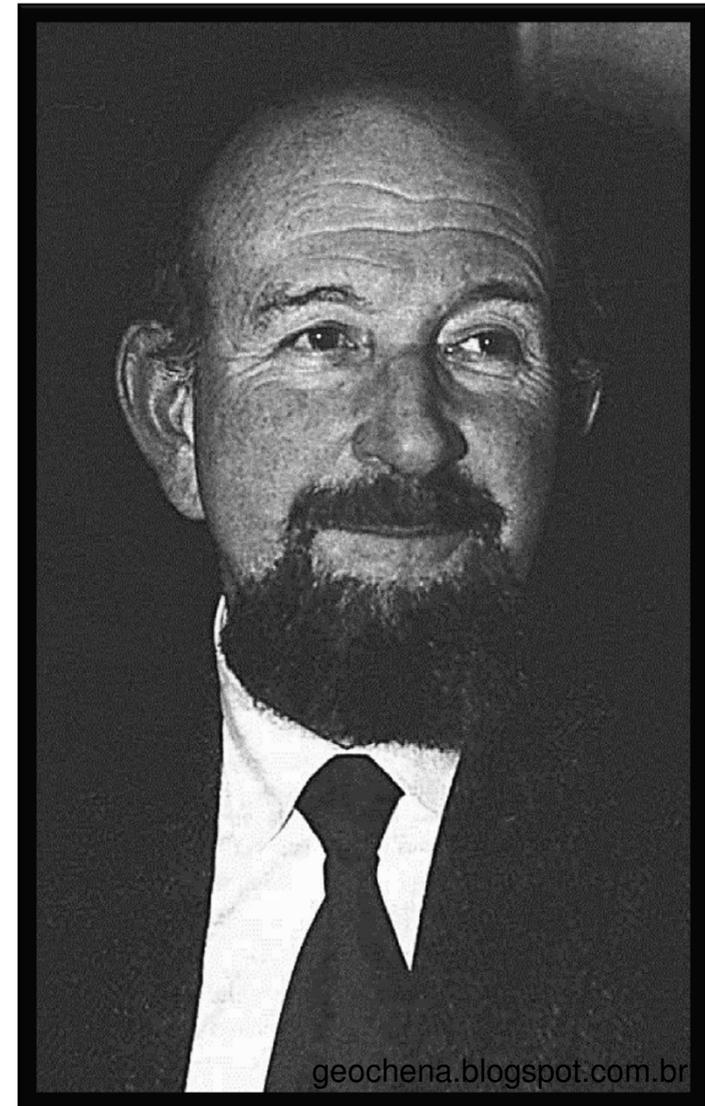
Os motivos da crise



Assembleia da AGB no Teatro José de Alencar

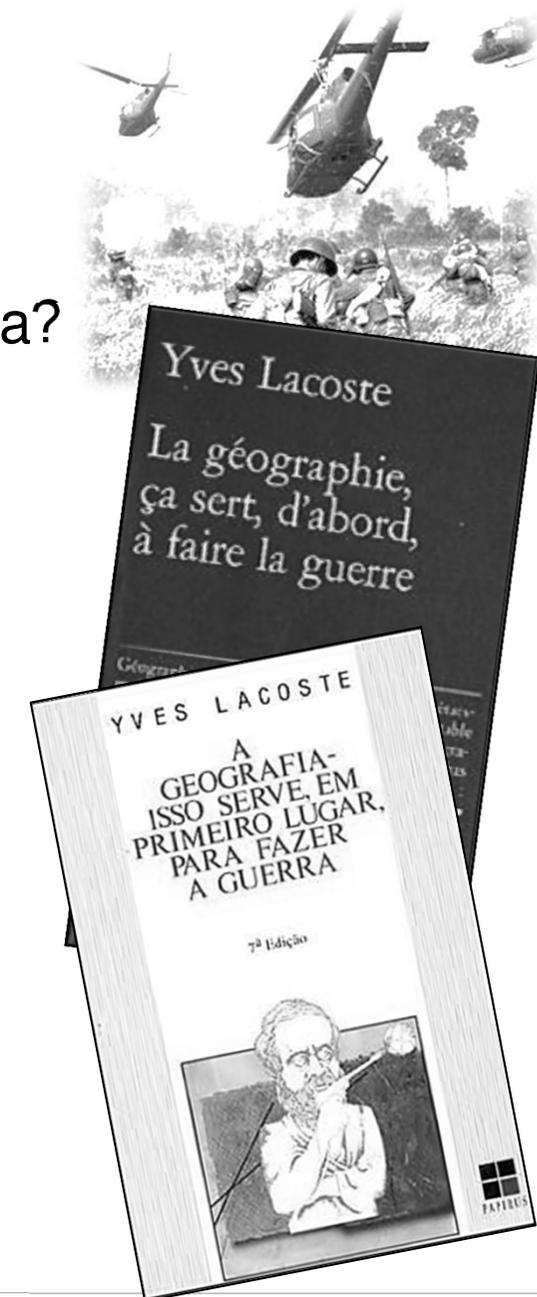
Yves Lacoste como um autor-chave

- Geógrafo francês
- Nasceu em 1929, em Fez, Marrocos
- Lançou a revista *Hérodote*
- (Ex-)Professor de geopolítica da Universidade de Paris VIII
- Contribuiu com obras críticas e inovadoras – como *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre* (1976) – para uma discussão sobre o pensamento geográfico



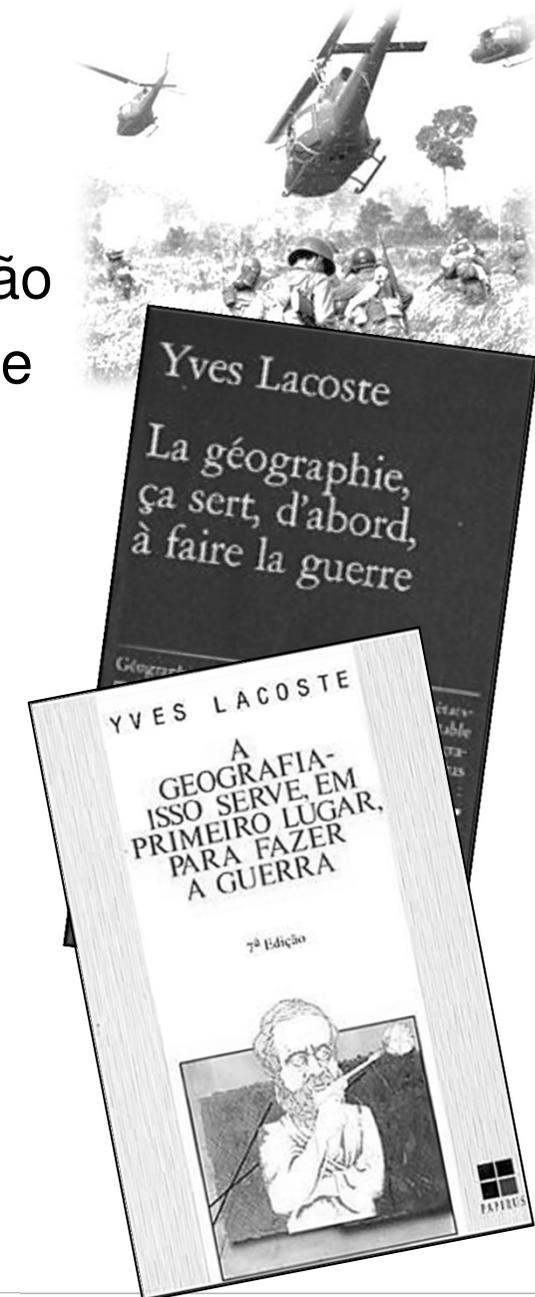
Yves Lacoste como um autor-chave

- Inspirado por sua viagem para o Vietnã
- Pergunta central: Para que serve a geografia?
- ≠ O que é geografia? Ela é, ou não é, uma ciência? (perguntas comuns)
- Resposta principal → veja o título
- O conhecimento geográfico: um saber estratégico, um instrumento de poder ligado às práticas estatais e militares
- Objetivo: incorporação do político na abordagem geográfica



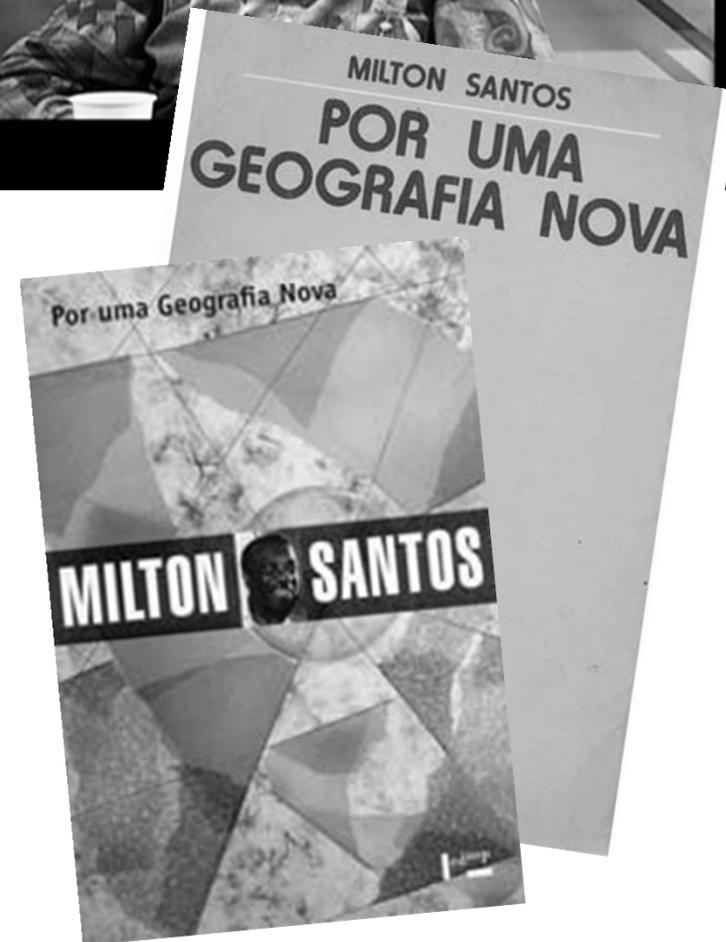
Yves Lacoste como um autor-chave

- Críticas: simplificação do papel social da “geografia dos professores”, desconsideração das relações sujeito-objeto e da historicidade do saber etc.
- Um trabalho polêmico, mas muito influente
- “Trata-se seguramente de uma das mais importantes análises críticas feitas nas últimas décadas, no bojo da ‘crise da geografia’, com ideias extremamente controversas, porém originais e instigantes” (Vesentini 1988).



“A escola brasileira”

- Milton Santos retornava do seu exílio em 1978 após catorze anos. No congresso da AGB é lançado *Por Uma Geografia Nova*: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica.
- Referência para a geografia brasileira, Milton Santos dedicou-se a renovação da geografia humana, promovendo a construção de uma “geografia nova”, encorajando o diálogo da geografia com as ciências sociais.



“A escola brasileira”

- Busca-se romper com o isolamento do geógrafo: influências externas, “extrageográficas”.
- Novos rumos da geografia brasileira: preocupação com a reconstrução da sociedade e do espaço, progresso social.
- Reúne nomes: Armando Corrêa da Silva, Roberto Lobato Corrêa, Ruy Moreira, Ariowaldo Umbelino de Oliveira, Antonio Carlos Robert Moraes, Wanderley Messias da Costa, Manuel Correia de Andrade, Carlos Walter Porto Gonçalves, entre tantos outros.

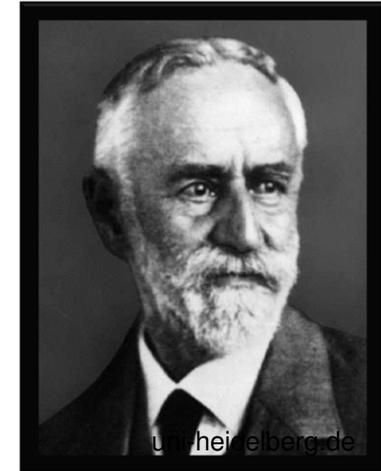


IV. A crise da geografia em outros contextos

Alemanha

- “Geografia tradicional”, influenciada por Alfred Hettner (1859-1941)
- Região como síntese da geografia física e da geografia humana
- Objeto da pesquisa geográfica: superfície da Terra em sua diferenciação, ou seja, a paisagem
- Desenvolvimento da *Länderkunde* (estudos regionais) e do *länderkundliches Schema* (esquema específico dos estudos regionais)

Alfred Hettner



Alemanha

- A crise da *Länderkunde* sobretudo nas décadas de 1960 e 1970
- Evento académico central: *Kieler Geographentag* de 1969 (encontro nacional dos geógrafos que aconteceu em Kiel, em 1969)
- O carácter da crise: epistemológico
- *Länderkunde* como descritiva, epistemologicamente infundada, holística e naturalista
- O político não desempenha um papel central



Alemanha

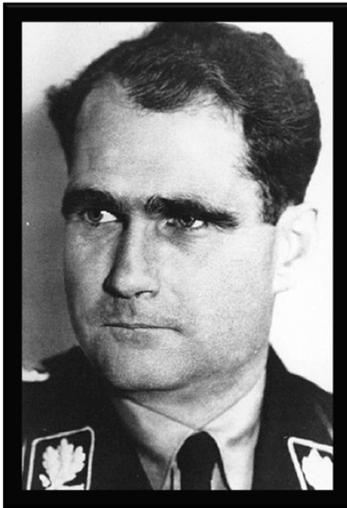
- Motivo: a conexão problemática entre geografia e política a partir do fim do regime nacional-socialista na Alemanha sob Adolf Hitler (1945)
- Geopolítica como uma parte da geografia apoiando diretamente a política do regime



- Karl Ernst Haushofer (1869-1946)
- Geógrafo, foco na geopolítica e influenciado por Friedrich Ratzel
- Negou sua influência direta com o regime Nazista
- Professor de Rudolf Hess

Alemanha

- Motivo: a conexão problemática entre geografia e política a partir do fim do regime nacional-socialista na Alemanha sob Adolf Hitler (1945)
- Geopolítica como uma parte da geografia apoiando diretamente a política do regime



- Rudolf Heß (1894-1987)
- A partir de 1933: *Reichsminister* (ministro do país) e vice de Adolf Hitler; a partir de 1939: membro do Conselho de Defesa
- Recorreu às ideias do seu Professor, Karl Haushofer, para o desenvolvimento das estratégias expansionistas do país

Alemanha

Consequência

- Difícil “digestão” da Guerra e dos acontecimentos sob o regime nacional-socialista, especialmente o Holocausto
- A Geopolítica virou um “tabu” na geografia alemã
- O político passou a ser um tema marginal e “reentrou” na geografia com uma presença mais forte somente na década de 1990, influenciado pela geografia crítica do contexto anglófono (radical geography, critical geopolitics, postcolonial theory etc.)
- Depois da crise da *Länderkunde*: disciplina de estudo do espaço marcada por procedimentos analítico e quantitativo

França

- A geografia regional como uma corrente dominante na geografia francesa até a década de 1970
- Correntes da teoria marxista existiam, mas ainda eram marginais
- O contexto histórico, sobretudo os protestos de maio de 1968, fortaleceram as abordagens marxistas no mundo acadêmico
- Yves Lacoste: autor-chave, influenciado pelas teorias marxistas, incorporou o político na geografia



Estados Unidos

- “Geografia tradicional”, influenciada por Richard Hartshorne (1899-1992). Conceito da *areal differentiation*, críticas: descritiva e não-científica
- *Quantitative Revolution* (déc. 1950 e 1960): da geografia regional (como uma geografia descritiva) à *spatial science* (como uma geografia nomotética)
- As abordagens positivistas permaneceram importantes, mas havia uma corrente crítica que ganhou força nas décadas de 1970 e 1980
- Correntes da geografia crítica: *radical geography, cultural geography, feminist geography, post-colonial geography, critical geopolitics, post-structuralist geography* etc.

Fim

Bibliografia

- Gonçalves, Carlos Walter Porto. “A geografia está em crise: Viva a geografia!”, in: Moreira, Ruy (Org). *Geografia. Teoria e Crítica. O Saber Posto em Questão*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- Lacoste, Yves. *Geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. São Paulo: Papirus, 1988.
- Moraes, Antonio Carlos Robert. *Geografia. Pequena história crítica*. São Paulo: Annablume, 2017.
- Santos, Milton (Org.). *Novos rumos da geografia brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- Carvalho, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. SP: Cia. Das Letras, 1990.

A próxima aula (20.09.2012)

- Tema: A renovação metodológica da geografia após meados do século XX
- Distribuição do exercício (para fazer em casa) → Primeira avaliação